



ENIGMAS DO INGÁ:

Perspectivas entre a arqueologia e o espaço sagrado

ENIGMAS OF INGÁ:

Perspectives between archaeology and sacred space

*Alberlene Baracho**

RESUMO

A experiência com o sagrado tem sido uma parte importante da história da humanidade, chegando a alcançar a centralidade da existência humana nas sociedades. Este artigo tem como objetivo analisar a geração de mitos na Pedra do Ingá, que está localizada no município de Ingá-PB, sendo parte do patrimônio histórico e artístico tombado pelo Iphan. Esta revisão da literatura se propõe a compreender como o mistério existente nos petróglifos encontrados na Pedra do Ingá pode provocar e desenvolver narrativas de âmbito religioso. A ausência de informações e especulações sobre os petróglifos tem gerado espaço para interpretações, sendo objeto de observação e expressão para a criatividade musical e artística. Não obstante, o enigma de Ingá permeia o imaginário gerando múltiplas interpretações deste possível espaço sagrado.

Palavras-Chave: Iphan. Pedra do Ingá. Ciências empíricas das religiões. Espaço sagrado. Arqueologia.

ABSTRACT

The experience with the sacred has been an important part of the history of humanity, reaching the centrality of human existence in societies. This article aims to analyze the generation of myths in Pedra do Ingá, which is located in the municipality of Ingá-PB, being part of the historical and artistic heritage listed by Iphan. This literature review aims to understand how the mystery existing in the hieroglyphs found in Pedra do Ingá can provoke and develop narratives of religious scope. The absence of information and speculation about hieroglyphics has generated space for interpretations, being the object of observation and

* Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Departamento de Ciências das Religiões, na Universidade Federal da Paraíba (CE-UFPB). Religióloga, Licenciada em Ciências das Religiões, Arquiteta e Urbanista. Especialista em Docência para Educação Profissional e Tecnológica (IFPB).

expression for musical and artistic creativity. Nevertheless, the enigma of Ingá permeates the imagination, generating multiple interpretations of this possible sacred space.

Keywords: Iphan. Pedra do Ingá. Empirical sciences of religions. Sacred space. Archaeology.

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade o espaço dedicado à experiência com o sagrado apresentou-se como um dos lugares mais relevantes da sociedade. Ao apontar esse fato, é possível destacar a estrutura de cidade na antiga Mesopotâmia, onde o templo se encontrava em um local de evidência, visto pelos olhos de todos, como algo tão importante e de tão estimado valor que deveria estar aos olhos de todos, mas também inalcançável ao ser humano.

As zigurates representavam a centralidade da vida religiosa, colocadas no centro e acima das demais edificações, o espaço sagrado circundado de mistério, que, por natureza, apresenta características transcendentais, aguçando o imaginário do ser humano, proporcionando a manifestação da fé. Este espaço de mistério, devotado ao divino, pôde ser elaborado pelas mãos humanas e a vista de todos, mas nem todos possuem uma explicação objetiva assim, outros possuem narrativas diversas para justificarem a sua existência.

Nesse ponto, podemos recordar os megalíticos, mistério de execução, considerando a tecnologia construtiva existente na época em que foram erguidos. Ora, quão enigmático é perceber que estrategicamente foi inserido em um local que poderia ter funções de observação astronômica. É impressionante perceber também que as pedras ali encontradas são demasiadamente pesadas, o que demandaria um esforço considerável para movê-las. Isso nos faz refletir sobre o processo de transporte e montagem desse monumento.

Ambos os casos apresentados possuem algo em comum, a capacidade de demonstrar imponência. Essa grandiosidade vista nos antigos monumentos considerados como espaços religiosos pode expandir-se no imaginário humano, fazendo-nos imergir nas narrativas míticas sobre esses espaços. Para Eliade (2018), os espaços sagrados são locais de manifestação do divino e, sendo criados pelo sagrado, conclui-se que podem ser usados para a construção de mitos que revelam sua divindade.

Dessa forma, o autor aponta que o espaço pode estar sujeito a proposta de revelação dos mistérios transcendentais. Considerando esse aspecto, podemos destacar um espaço que pode se assemelhar a percepção de mistério, um monumento arqueológico no Estado da

Paraíba, a Pedra do Ingá. Este local foi tombado como patrimônio arqueológico e artístico nacional, como um sítio que pertence a identidade e a história paraibana. Esse espaço emblemático, a Pedra do Ingá, mostra-se peculiar pelo fato de possuir petróglifos que ainda não foram decifrados¹. Esses escritos resistem ao tempo mesmo encontrando-se às margens do rio Bacamarte, e as suas marcas permanecem enigmáticas aos estudiosos até os dias atuais.

Isto posto, é possível considerar que quanto mais inexplicável o espaço, mais propensa a narrativa mitológica. Diante da afirmativa, objetiva-se analisar se a Pedra de Ingá está sujeita a geração de mitos, como esses mitos justificam a existência desse espaço e como se comporta como espaço sagrado. Portanto, nos perguntamos se a pedra do Ingá se constitui como um espaço que desenvolve crenças no mundo moderno.

1 CONJUNTO ARQUEOLÓGICO DA PEDRA DO INGÁ

O conjunto Arqueológico da Pedra do Ingá (Figura 1: Pedra do Ingá), ou sítio das Itacoatiaras do Rio Ingá, se localiza no município de Ingá, e fica a cerca de 105 km da cidade de João Pessoa. A Pedra do Ingá apresenta a riqueza histórico-cultural e arqueológica impressionante no Estado da Paraíba, sendo objeto de especulações desde o século XVIII.

Figura 1: Pedra do Ingá

¹ Neste artigo não temos a intenção de decifrar os petróglifos, considerando a atribuição de profissionais da área da arqueologia e/ou filologia e/ou epigrafistas, estando estes aptos para a discussão do tema de modo aprofundado quanto a linguagem histórica. Nos debruçamos aqui a análise dos mitos que remontam a singularidade do espaço discutido.



Fonte: Acervo do Iphan².

Os primeiros registros apontados por Brito (2009, p.47) relatam que a “primeira referência bibliográfica que seguramente se refere à localidade de Pedra Lavrada, cujo nome foi inspirado nas inscrições da Pedra do Ingá, se deve a Domingos Monteiro da Rocha, funcionário ligado à máquina burocrática colonial portuguesa que, em 1757”. O autor segue afirmando que nesses relatos se acreditava que se tratava de um indicativo de que ali existiam tesouros escondidos.

Ao descrever a Pedra do Ingá, Brito (2009, p. 17), apresenta os seguintes detalhes:

O Painel Vertical do Ingá decora o opulento paredão, de eixo longitudinal, elevado proeminente em meio ao outeiro estendendo-se no sentido leste-oeste por 46m, como um corte em degrau do plano superior, erguido sobre um declive da plataforma seguinte do plano sólido. Curvilíneo, vai crescendo em estatura até atingir 3,8m, de onde segue se extenuando até se igualar ao relevo do lajedo.

A Pedra do Ingá foi reconhecida e tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo protegida como um bem comum à população paraibana e que representa também a história do processo de ocupação do Nordeste sul-americano. Seu duplo tombamento descreve a importância de sua preservação.

² Sítio arqueológico Itacoatiaras do Rio Ingá (Ingá, PB), pertence ao acervo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), n.d. Em domínio público.

O sítio encontra-se protegido como patrimônio cultural pelo Iphan desde maio de 1944, com inscrições no Livro de Tombo das Belas Artes e no Livro do Tombo Histórico, sendo o primeiro monumento de arte rupestre protegido no Brasil e o único reconhecido também pelo seu conteúdo artístico, além da importância histórica. O sítio das Itacoatiaras do Rio Ingá congrega o mais representativo conjunto conhecido desse tipo de gravura no Brasil, que se notabiliza pelo uso quase exclusivo de representações não figurativas na composição de grandes painéis de arte rupestre e que exprimem o gênio criativo de um grupo humano que se apropriou de padrões estéticos abstratos como forma de expressão, e possivelmente, de conceitos simbólico-religiosos, diferentemente de outras culturas que, em sua maioria, utilizou-se de representações antropomórficas e zoomórficas. (Iphan -PB, nd.)

No trecho acima, retirado da página eletrônica do IPHAN, descreve-se que possivelmente a Pedra do Ingá possa atuar como um agente simbólico-religioso. É compreensível a afirmativa, considerando que, para Berger (2017, p. 08), “A religião inclui o construído num mundo mais abrangente – sagrado – que legitima, justifica e explica as mazelas do cosmo construído.” O autor aponta que as explicações da nossa vida cotidiana podem possuir uma narrativa religiosa, que vem justificar os fatos e ocorrências, dando legitimidade e sentido às ações.

Trigueiro (2023) afirma que coexistem múltiplas interpretações, tanto simbólicas quanto rituais, acerca das manifestações religiosas que podem representar uma forma de comunicação visual legada por civilizações passadas. Admite-se, ainda, a possibilidade de realizar observações por meio de análises espaciais. Nesse sentido, pesquisadores levantaram diversas hipóteses em relação à sua origem e significado. Entre os pontos destacados, encontram-se registros realizados por grupos familiares, além de outros argumentos que sugerem uma influência de origem colombiana, ocorrida antes da chegada dos europeus à região. Tais evidências, apresentadas no referido sítio arqueológico, remontam às três primeiras décadas do século passado.

O sítio arqueológico possui elevada contribuição à historicidade da Paraíba, não apenas por remontar à pré-história do estado, como também por representar a identidade do povo paraibano. Compreende-se dessa forma que o conjunto arqueológico contribui para a identidade cultural, formulando características que expressam a população local, e nisto incluem-se as perspectivas simbólico-religiosas.

No âmbito das ciências das religiões, a leitura do conjunto arqueológico Pedra do Ingá, se faz necessária por se tratar de estudos de novas perspectivas sobre análise de mitologias regionais. Nisto aplica-se uma atenção especial diante da especificidade dos mitos que nela são gerados, considerando que, dessa forma, as narrativas qualificam a Pedra do Ingá como um espaço sagrado, trazendo um significado transcendente para aquela região.

2 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste artigo buscamos apresentar a relação entre a Pedra do Ingá e as possíveis narrativas mitológicas que se imbricam com o local e continuamente se perpetuam na atualidade. Nesta análise bibliográfica, de caráter qualitativo e descritivo, nos debruçamos sobre a literatura existente entre dissertações, teses, livros e artigos que abordam o tema. Para o levantamento bibliográfico, buscamos embasamento científico na literatura acadêmica nas áreas da arte, história, arqueologia e nas ciências empíricas das religiões.

Diante da afirmativa acima, compreende-se a busca pelo material bibliográfico e pelas impressões relativas às descrições arqueológicas, discutindo-se as hipóteses interpretativas expressas sobre a materialidade. Diante disso, nos propomos a investigar os mitos existentes sobre a Pedra do Ingá de forma mais abrangente, também sob a ótica da mitocrítica como suporte conceitual. Segundo Araújo e Almeida (2018, p.21) a “mitocrítica é uma técnica de investigação que parte das obras literárias, artísticas, dos relatos, histórias devidas, documentos e narrativas de modo geral para depreender os mitos diretores dessas produções.”

É importante salientar que este artigo busca entender a terminologia e função do mito de acordo com a definição descrita por Eliade (1972), que apresenta a seguinte estrutura de padrão e comportamento. O autor especifica que:

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere sempre a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o mito, conhece-se a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento "exterior", "abstrato", mas de um conhecimento que é "vivido" ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados (p. 18).

O conceito empreendido por Eliade discute como o mito se comporta na sociedade, afirmando que, inicialmente, o mito surge com a intenção de explicar algo; nisso, se assemelha ao nosso objetivo neste artigo, pois os mitos aqui estudados buscam apresentar uma explicação de como surgiu o objeto de estudo, a Pedra do Ingá. Outro ponto importante de ser destacado é o fato da vivência do mito que gera sentido a partir da narrativa, e essa reverbera continuamente sendo fortalecida e legitimada pelo tempo.

Desta feita, buscou-se conceituar mito segundo a perspectiva de Eliade (1972) ao afirmar que o mito se constitui em uma mensagem revelada, ou, como em sua descrição, tratando-se de uma “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”. O autor rejeita completamente a ideia de que o mito possa estar relacionado a inverdades, apontando que essa percepção surgiu por uma interpretação judaico-cristã na antiguidade ao criticar as mitologias gregas. Eliade veementemente diz que o mito é derivado do termo *mythos* do latim, e narra um fato verdadeiro, prestigioso e mostra ações criadoras, desvendando a sacralidade em sua sobrenaturalidade.

Langer (2015) afirma que materiais iconográficos têm sido instrumentos relevantes em pesquisas na atualidade. Essa perspectiva se baseia no avanço da arqueologia, que tem proporcionado um estudo efetivo que se desenvolve a partir destes artefatos, tornando possível a leitura e compreensão de contextos mitológicos que perpassam o tempo e ainda permanecem vivos no imaginário da humanidade.

Um tipo de fonte que está recebendo tratamento diferenciado, inovador e recente por parte dos pesquisadores são os materiais iconográficos, que aumentaram muito em quantidade especialmente após as grandes investidas da arqueologia escandinava durante as décadas 1960 a 1990. Eles não somente permitem os pesquisadores uma nova concepção sobre a mitologia que foi preservada até nossos dias (e conseqüentemente a religiosidade pré-cristã), mas também concedem um novo olhar sobre as fontes escritas tradicionais. (Langer, 2015, p.84).

Diante da viabilidade do estudo arqueológico novas perspectivas podem ser geradas com a finalidade de analisar a história sob nova ótica. Essa abordagem nos presenteia com peças de um quebra-cabeça que nos levam a refletir sobre novas informações, que proporcionam o remontar dos fatos e expõem novos protagonistas às narrativas históricas.

Partindo da compreensão de que os artefatos arqueológicos podem ser analisados como material iconográfico, nos dedicamos a seguir a abordagem da mitocrítica associando o Parque Arqueológico da Pedra do Ingá às suas interpretações míticas. As investigações partem dos materiais encontrados sobre a Pedra do Ingá diante das especulações geradas, considerando o fenômeno da interação entre o sujeito e o lugar, gerando narrativas e experiências transcendentais.

3 – IMPRESSÕES MITOLÓGICAS DO INGÁ

*Com as tábuas da arca de Noé
Como lendas que vêm do Abaeté
E como espadas de luz enfeitada
Nas paredes da pedra encantada*

O mito e o rito claramente expressos no texto acima, descreve em versos as impressões sobre Pedra do Ingá. Brito (2009), desenvolve seu diálogo a partir da canção de Zé Ramalho – cantor e compositor paraibano – submerso entre os significados da música “Nas paredes da pedra encantada”:

Em termos de teoria da arqueologia paraibana, o disco é expoente pioneiro de uma corrente mística sobre as inscrições do Ingá, onde seus petróglifos são vistos como obra de um Sumé cósmico, de barba vermelha, e indicam simbolicamente, através dos quatro elementos, uma sabedoria milenar de caminhos estelares, cuja Pedra seria um templo no roteiro de Sumé, um feiticeiro, meio índio, meio deus, que teria trilhado do litoral paraibano até a porta do sol, nas montanhas que divisam a Bolívia e o Peru, ensinando aos índios os segredos da natureza. A caminhada de Sumé ficou conhecida como “Paêbirú”. Bem ao estilo Zé Ramalho, Paêbirú é um enredo esdrúxulo que, a exemplo de Ariano Suassuna, inaugura um momento onde a mitologia sertaneja fantástica se funde com a arqueologia (Brito, 2009, p. 53-54).

O autor realiza apontamentos descrevendo que a Pedra do Ingá traz alusão de uma existência mística, afirmando que o compositor exalta uma mitologia regional. Essa “mitologia fantástica sertaneja” mescla diferentes perspectivas de crença, estando centralizada em um mesmo espaço, o local que seria o disco, ou um templo. Outros contextos mágicos descritos na canção remetem também à percepção da Pedra de Ingá como um lugar místico-estelar, que em um momento seria um espaço permeado de significado para os povos indígenas e, para outros, uma “parada” indispensável dos caminhos estelares, apresentando uma crença ufológica.

Ao expor os aspectos místicos encontrados na letra da música do paraibano Zé Ramalho, enfatizando o local como espaço que instiga narrativas míticas, confirmando que existe “um espaço sagrado, e, por consequência, ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e, por consequência, sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (Eliade, 2018, p. 25). O autor da canção destaca o local da Pedra do Ingá como um espaço que transcende a marcação de um dado geográfico e o posiciona como um lugar que possui uma intencionalidade; trata-se de um lugar onde ocorre o encantamento, e ainda afirma que a própria pedra é, por si só, encantada.

Na questão do lugar, remete-se a perspectiva de Eliade (2018) quanto ao *Axis mundi*, refletindo que o espaço devotado ao sagrado liga e sustenta o Céu e a Terra, atuando como uma coluna que intercepta a comunicação neste sistema. O autor segue afirmando que “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente

³ Letra da Música “Nas paredes da pedra encantada”, composição de Zé Ramalho. Trecho retirado do site letras.mus, disponível em: < <https://www.letras.mus.br/lula-cortes/1858436/>>. Acesso 17 de fev. de 2026.

diferente” (Eliade, 2018, p. 30). Nisto, a Pedra do Ingá se torna um intermediário entre as narrativas, sendo o “centro do universo” quando se encontra imersa nessas múltiplas interpretações de sua origem entre outras narrativas de sua causa e existência.

Faria (1987) aponta que os estudos sobre as origens das inscrições rupestres da Pedra do Ingá se dividem em dois grupos distintos, os autoctonistas e os alienigenistas. Os autoctonistas defendem a perspectiva de que as raízes dos escritos de Ingá são de autoria aborígine, mas divergem sobre a datação e o significado dos petróglifos. Já os alienígenas afirmam que estes escritos surgiram com os navegadores, podendo ser gregos, egípcios, hebreus ou fenícios, que acidentalmente – ou intencionalmente – chegaram às terras brasileiras. Neste grupo existem os que sustentam a ideia de que a autoria dos petróglifos pertence aos seres extraterrestres que possuem alto conhecimento astronômico.

Brito (2009) descreve um relevante fato sobre a suposição de que os petróglifos foram obra de extraterrestres. Ele afirma que Eric von Dániken, um famoso escritor sobre extraterrestres, especulou que a Pedra do Ingá seria obra de seres alienígenas e objetos voadores não identificados (OVNIs). O discurso de Dániken foi fortalecido pelo jornalista e ufólogo amador Pablo Vilarrubia, que visitou a Paraíba e disse ter ido a Ingá. Vilarrubia afirmou ter tido uma “projeção mental”, neste momento de experiência mística, viu um extraterrestre direcionando os indígenas a realizar os grifos na Pedra do Ingá com uso de materiais metálicos como pistolas.

Ao destacar as impressões sobre a ufologia ou a projeção mental relatada por Brito (2009), estamos enfatizando a narrativa como experiência transcendente. Considerando que uma projeção mental pode ser entendida como uma visão, e/ou revelação do sagrado. Neste caso, a experiência revela a origem dos petróglifos, como obra de seres sobrenaturais. Nisto associa-se a perspectiva de Eliade quanto a interpretação de mito, como sendo uma mensagem revelada.

A pedra de Ingá também se relaciona ao Mito de Sumé, relatado na “Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil”. O mito corresponde aos “heróis civilizadores”, que vieram as terras dos tupinambás para ensinar o uso das terras, do fogo e como cultivar as raízes. Estes eram vistos como deuses com poderes sobrenaturais, feiticeiros de sociedades avançadas. De Sumé, descenderam Tamendonare e Ariconte, de onde vieram os tupinambás e os Temininó respectivamente (Leite Júnior, 2022).

Diziam coisas de um Deus, e da outra vida, um dos quais se chamava Sumé, que quer dizer Tomé; e que estes não foram admitidos de seus antepassados, e se acolheram para outras partes do mundo; ensinando-lhes, contudo, primeiro o modo de plantar, e colher o fruto do principal mantimento de que usam, chamado mandioca (Metrax, 1950, p. 51).

Sumé, ou São Tomé, seria o apóstolo de Cristo que teria andado pela Paraíba, pregando para os indígenas, deixando suas “pisadas” no Sítio das Itacoatiaras, que seriam os petróglifos encontrados na pedra, tendo sido feitos pelo santo (Cavalcante, 2008). São Tomé na América aponta a intenção de unir os mitos locais à crença cristã, pois “esteve em terras paraibanas e deixou impresso nas Itaquatiaras do Ingá um tratado cosmogônico fundado no trinitarismo, além das suas pegadas” (Leite Júnior, 2022, p. 22). O mito apresenta a face da sacralidade paraibana, pois demonstra a narrativa da religiosidade popular explicando o fato da existência misteriosa dos petróglifos.

“A mitologia constitui sem dúvida uma das formas mais elaboradas de imaginário...” (Wunenburger, 2003, p. 9) É importante destacar que a mitologia gera uma narrativa esplêndida, que atua diretamente gerando significados que norteiam no campo do imaginário. Na abordagem da mitocrítica, percebemos que o imaginário relacionado à mitologia difere da ótica da imaginação baseada na memória; ela assume uma característica simbólica que não se limita às experiências comuns já vivenciadas; ela pode ser fantástica ou fantasmagórica.

A definição de imaginário assume uma acepção diferente de acordo com a importância que se atribui a cada tipo de imaginação a ele subjacente, imaginação somente reprodutiva (memória, que dá lugar à da imagética), imaginação fantasmática que fomenta fantasias (fantasy), e uma atividade verdadeiramente simbólica (no sentido do *Einbildungskraft* do romantismo alemão) (Wunenburger, 2003, p. 12).

Mesmo considerando que os petróglifos compreendem uma expressão astronômica, o mito funde-se à perspectiva na dissertação do físico e astrônomo Casimiro S. Barbosa. Para além de realizar o mapeamento astronômico, a Pedra do Ingá seria um local que funcionaria como um portal atuando como um indicador do caminho espiritual para as almas (Leite Júnior, 2022, p. 55). Ao descrever o espaço como “portal para almas”, o autor traz a discussão que define ao espaço como lugar de experiência sagrada, fantástica, misteriosa, lugar de transposição ao mundo espiritual.

Indiscutivelmente, sobre os aspectos astronômicos, é percebido que o ápice simbólico da Pedra do Ingá consiste no fato da associação com a astronomia. Que se revela como um manuscrito que comunica a contemporaneidade a geometria celeste.

A conotação astronômica da Itacoatiara do Ingá se robustece e atinge o clímax nas pictografias da laje horizontal que faz ângulo diedro com o painel vertical. Ali se encontram as representações de várias estrelas agrupadas em constelações. No gnaisse duríssimo que serve de leito ao braço esquerdo do rio, os aborígenes do Ingá entalharam laboriosamente uma carta celeste. Não fizeram, contudo, um retrato alegórico do céu estrelado como as civilizações coevas, mas um registro beirando o documental (Faria, 1987, p. 93).

A mitocrítica desenvolvida por Durand (1985) indica que o mito é dinâmico e pode ser ressignificado em diferentes épocas e culturas. Como temos discutido até o momento, os mitos referentes à Pedra do Ingá remontam a períodos, épocas e narram expectativas que se relacionam à experiência transcendente dos sujeitos e aos eventos vivenciados na história local, e principalmente às percepções da regionalidade. Partindo de uma interpretação sensível, a análise do mito não pode ser reducionista ou estruturalista, mas deve contemplar a racionalidade da compreensão simbólica e o papel da imaginação (Albuquerque; Carvalho, 2024).

Dessa forma, a Pedra de Ingá se mostra como um espaço de múltiplas narrativas simbólicas, para além de um espaço arqueológico que remonta à historicidade paraibana. Sendo possível que mitos associados ao patrimônio circundem o imaginário paraibano, e não se limitando apenas ao dos residentes locais. Segundo Falcão, Tavares e Kiyotani (2018) o Conjunto Arqueológico das Itacoatiara do Ingá está sendo avaliado para se tornar um possível espaço do arqueoturismo. É importante salientar que os autores debatem sobre a possibilidade de que a Pedra do Ingá, em um futuro próximo, seja um atrativo arqueológico de impacto internacional, visando projetar este importante local para o mundo. Destacando que “um local sagrado, ocupado reiteradamente por vários grupos humanos” (IPHAN, 2013, p. 27).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedra de Ingá é um enigma deveras misterioso até mesmo para os arqueólogos e historiadores que a estudam, pois até o presente momento não há uma explicação plausível ou um consenso acadêmico para a tradução dos petróglifos descritos na pedra. Tais desenhos podem possuir ligações com outros países do mundo ocidental, mas acreditam que, antes de qualquer comparação, ela narra a história local no território paraibano.

Assim, vemos a importância de conceituar as mitologias produzidas na atualidade, não as reduzindo a lendas contemporâneas, mas sim como parte integrante da cultura imaterial. E, assim, promover, às gerações futuras, o conhecimento de sua historicidade e dos fatos ocorridos em tais tempos. Conjecturando a historicidade como ferramenta e buscando descrever a memória do cidadão que, independentemente da sua classe social, da idade, dos conceitos e da sexualidade, contribui com a essência e identidade do nosso povo.

Berger (2017) descreve a relação com o sagrado de forma interpretativa, considerando a perspectiva sociológica. O autor abrange a realidade social, descrevendo a religião com uma estrutura que orienta a ação coletiva e individual. Neste sentido, os mitos

gerados na Pedra do Ingá podem surgir como respostas à interpretação da realidade, de acordo com as possibilidades existentes nas narrativas religiosas. Estes se apropriam de respostas que a tradição e a religiosidade expõem. Sendo possível criar novas narrativas, que possam clarear as interpretações da realidade.

Ao analisar os mitos desenvolvidos na Pedra do Ingá, percebemos que o lugar apresenta um artefato que proporciona a reflexão, sendo possível observar que a ausência de explicação científica promove especulações, favorecendo a perpetuação na memória dos mitos narrados que justificam a sua existência.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, H. L., & Carvalho, M. F. (2024). Entre a estática e a dinâmica do mito: A mitocrítica enquanto lente analítica de imagens, desde a obra de J. Borges. *Revista Eletrônica Leopoldianum*, 50(140), 18–18.

Araújo, A. F., & Almeida, R. (2018). Fundamentos metodológicos do imaginário: Mitocrítica e mitanálise. *Téssera*, 1(1), 18–42.

Berger, P. (2017). *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica das religiões*. Paulus.

Brito, W. (2009). *A pedra do Ingá: Itacoatiaras na Paraíba* (3ª ed.). Editora da Universidade Federal de Campina Grande.

Cavalcante, T. L. V. (2008). As pegadas de São Tomé: Ressignificações de sítios rupestres. *Revista de Arqueologia*, 21(2), 121–137.

Eliade, M. (1972). *Mito e realidade*. Perspectiva.

Eliade, M. (2018). *O sagrado e o profano: A essência das religiões* (4ª ed.). Editora WMF Martins Fontes.

Falcão, L. A., Tavares, A. G., & Kiyotani, I. (2018). Arqueoturismo: Repensando o turismo nas Itacoatiaras do Ingá–PB. *Caderno Virtual de Turismo*, 18(2).

Faria, F. C. P. (1987). *Os astrônomos pré-históricos do Ingá*. IBRASA.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (2026). *Itacoatiaras do Rio Ingá (PB)*. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824>

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (n.d.). *Sítio arqueológico Itacoatiaras do Rio Ingá (Ingá, PB)* [Fotografia].
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/PB_ARQ/01_sitio_arqueologico_itacoatiaras_do_rio_inga__inga_pb__foto_acervo_iphan.jpg. Acesso em: 30 jan. 2025.

Langer, J. (2015). *Na trilha dos Vikings: Estudos de religiosidade nórdica*. Editora UFPB.

Leite Júnior, A. F. S. (2022). *Os mitos e as ciências das Itaquiatiaras do Ingá* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba].

Trigueiro, W. (2023). Pedra do Ingá—histórias e mistérios: A propósito de uma visita. *Revista APMED*, 2(02).

Wunenburger, J.-J. (2003). *O imaginário*. Editora Loyola.

Recebido em: 22 de abril de 2026

Aceito em: 2 de setembro de 2026

Publicado em: 17 de outubro de 2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado